

As representações de Educação no Jornal *Correio do S. Francisco*¹

Ingyrd dos SANTOS²

Mestranda

Carla PAIVA³

Doutora

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

Resumo

Este artigo apresenta as primeiras análises das representações educacionais contidas na produção jornalística do *Correio do S. Francisco*, jornal que circulou no início do século XX, em Juazeiro-BA, no período histórico concomitante ao processo de modernização e consolidação de instituições sociais e culturais no Brasil e no mundo. Por meio de pesquisa documental e análise de conteúdo, foi possível perceber como esse periódico engendrou a propagação de estratégias sociais, científicas e educativas, fomentando diversos valores e códigos morais associados ao ideal de modernidade.

Palavras-chave: História da Mídia Impressa; Educação; Modernidade; *Correio do S. Francisco*; Pesquisa Documental.

INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas, sempre estiveram presentes discussões teórico-metodológicas acerca das possíveis contribuições da imprensa no processo de historiografia brasileira. Até a década de 1970, por exemplo, era comum que jornais e jornalistas fossem mencionados em bibliografias ou até organizados em catálogos por instituições ou pesquisadores, no entanto, sua inserção, enquanto fonte de consulta para trabalhos científicos, era relativamente tímida. Inúmeros motivos estavam ligados a esse fato, desde o ideal científico de buscar veracidade e objetividade dos fatos, até a “complexidade desanimadora” que envolviam os jornais, por sempre estarem sujeitos a influência externas e internas que, a um primeiro momento, pode parecer desafiador ao pesquisador (REGINA DE LUCA, 2020).

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Jornalista e mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos da Universidade do Estado da Bahia (PPGESA/UNEB). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia (FAPESB). E-mail: ingyrd.hayaracs@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos da Universidade do Estado da Bahia (PPGESA/UNEB). E-mail: ccspaiva@gmail.com

Aos poucos, foram surgindo alguns trabalhos pioneiros que passariam a abordar os jornais como fonte primária. Regina de Luca cita o exemplo da pesquisa inédita de Nelson Werneck Sodré, que sistematizou informações detalhadas acerca da imprensa brasileira desde os seus primeiros passos, em 1808, com a chegada da corte portuguesa, até a década de 1960. A autora também menciona o texto de Ana Maria de Almeida Camargo (1971) que, no V Simpósio Nacional de Professores Universitários de História, avaliou os desafios e apresentou o diagnóstico acerca da utilização da imprensa periódica nos trabalhos de História do Brasil.

A partir disso, foram se estabelecendo estudos em diversos campos de pesquisa, como a Comunicação, História, Educação etc., compreendendo que, ao ter acesso aos materiais impressos, o pesquisador dispõe de documentos que trazem fragmentos de acontecimentos referentes ao passado, mas nunca a possibilidade de reconstruir os eventos assim como se sucederam. Longe de parecer desanimador, os fragmentos presentes nas folhas de jornais possibilitam a (re)construção e relativização de ideais, criando perspectivas novas para o campo de estudo. Na Educação, por exemplo, essa fonte foi utilizada para ampliar concepções sobre a formatação de instituições educacionais, a formação docente, práticas educacionais, além de outras temáticas.

Nas páginas do jornal, é possível observar o resultado dos processos de seleção, ordenação, estruturação e narrativa dos fatos que as pessoas por trás do veículo de comunicação julgavam importantes. Regina de Luca (2020a, p. 140) relata que os periódicos "reúnem um grupo de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno das ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita". Considerando essa perspectiva, não parece equivocado afirmar que esses veículos exerceram um interessante papel em propagar representações da sociedade em que eles circulavam, ou sejam, teciam representações sociais.

A teoria das representações sociais foi desenvolvida pelo psicólogo romeno Serge Moscovici, a partir de uma releitura do conceito de "representações coletivas", proposto por Emile Durkheim, em 1895. O termo "representações sociais" vai aparecer na década 1960, com a publicação *La Psychanalyse, son image et son publique*, que buscava discutir o processo de difusão da psicanálise na sociedade parisiense, destacando, especialmente, a apropriação pela comunidade e os modos pelos quais seus participantes pensavam, sentiam e agiam. Esse marco irá significar a reintrodução dos debates acerca da cognição

social, além da proliferação dos estudos sobre a percepção social e a análise de informações sobre a relação do indivíduo com o outro (SANTOS, 2005).

Moscovici conceitua as representações sociais como:

Um sistema de valores, idéias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará as pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (MOSCOVICI, 1976 *apud* DUVEEN, 2007, p. 21).

Para esclarecer como as representações sociais circulam, na prática, devemos pontuar algumas características que irão esclarecer seu ideal. Jodelet (2005) afirma que quando tratamos sobre as RS, estamos diante de um fenômeno complexo que tem ação direta na vida social. Ainda de acordo com essa autora, essas representações foram criadas como guias que irão nos orientar e organizar as condutas comuns a um grupo social. No entanto, é preciso ressaltar que as RS não são impostas, elas partem de quadros de pensamento preexistentes e se tornam um conhecimento que é elaborado e compartilhado socialmente, tornando-se familiar.

Jodelet (2005, p. 27) também nos evidencia a relação sujeito-objeto. Assim, as representações sempre irão partir da relação entre alguma coisa (objeto) e de alguém: “tem com seu objeto uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significações). Estas significações resultam de uma atividade que faz da representação uma construção e uma expressão do sujeito”. É a partir dessa relação que será possível observarmos as pertencas e participações dos sujeitos, tanto sociais, como culturais, examinando as formas como as representações agem no mundo, os contextos e condições em que são desenvolvidas, entre outras. Desse modo, é possível notarmos que elas nos cercam o tempo todo, estando presentes em discursos ou mensagens e imagens que estão em veiculação.

A comunicação acaba se relacionando diretamente com as representações sociais. Para Jodelet (2005), a comunicação social é um objeto próprio da Psicologia Social, contribuindo assim para abordar os fenômenos cognitivos, além de desempenhar um papel significativo nas trocas e interações de informação, intervindo e abrindo caminhos para a construção de um universo consensual. Partindo desse princípio, durante a

construção das notícias factuais, seria possível encontrarmos aberturas nas quais emergem representações e pensamentos sociais de um grupo ou sociedade.

Devido a essa relação de proximidade, não são raras as pesquisas direcionadas para analisar certas representações em meios de comunicação. Moscovici (2007), por exemplo, analisou algumas produções da imprensa francesa e da imprensa comunista para observar as representações da psicanálise, constatando através da linguagem, distintas conotações que iam de acordo com os interesses dos grupos (SANTOS, 2005). Desde então, inúmeras investigações foram realizadas, observando as dimensões de construção dos objetos sociais que apresentam relevância para determinados grupos sociais usando como fontes diversos veículos de comunicação, desde o formato impresso até o audiovisual.

Inspiradas por essas questões, iniciamos uma pesquisa voltada para analisar as representações dos aspectos educacionais presentes nas páginas do jornal Correio do São Francisco, que circulou nas primeiras décadas do século XX, na cidade de Juazeiro-BA, localizada a 550km da capital, Salvador. Neste artigo, especificamente, pretendemos compartilhar as primeiras impressões da pesquisa “O Correio do S. Francisco à luz da história: representações sobre educação na sociedade juazeirense (1903-1904)”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação Cultura e Territórios Semiáridos da Universidade do Estado da Bahia (PPGESA/UNEB).

Para podermos analisar essas provocações, nosso percurso metodológico parte do uso da pesquisa documental, considerando que as edições do periódico fazem parte de um raro testemunho das atividades da cidade de Juazeiro, no início do século XX. Ao discutir sobre a análise de documentos, Cellard (2012) ressalta a importância de recorrer a essas evidências, para vislumbrar certos aspectos do passado que, por inúmeras razões, podem estar além dos conhecimentos do pesquisador.

O primeiro acesso ao acervo do Correio do S. Francisco aconteceu em 2017, quando tivemos a oportunidade de participar como bolsista de Iniciação Científica – IC/FAPESB do projeto de pesquisa “Tempo & História da Imprensa do polo Juazeiro-BA e Petrolina-PE”, coordenado pela Prof^ª. Dr^ª Andrea Cristiana Santos, do Departamento de Ciências Humanas, Campus III, da Universidade do Estado da Bahia, em Juazeiro. A pesquisa tinha como proposta a sistematização do conhecimento da história da imprensa local, a partir da análise de jornais que circularam na região durante

a primeira metade do século XX. Atualmente, o acervo físico se encontra nos arquivos do Museu Regional do São Francisco, localizado na cidade de Juazeiro-BA, porém não está disponibilizada ao público. Dessa forma, trabalhamos com a versão das fotos que foram digitalizadas para a construção de um acervo digital.

Como boa parte dos veículos de comunicação não receberam um tratamento analítico, Gil (2002) recomenda que é essencial que se desenvolva uma análise de seus dados, levando em consideração as problemáticas e objetivos propostos na pesquisa. Para essa etapa da investigação, propomos a utilização da análise do conteúdo. Bardin (1977, p. 42) descreve esse procedimento como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Para encontrarmos esses objetivos, Bardin (1977) nos orienta um caminho com três grandes passos. O primeiro seria a fase da pré-análise das informações, no qual as ideias seriam sistematizadas para conduzir as demais operações. Também é nessa fase que escolhemos os documentos a serem submetido a análise, formulamos as hipóteses e objetivos e, por fim, elaboramos os indicadores que fundamentam a interpretação final. Após isso, passamos para a segunda fase, a exploração do material, onde administraremos sistematicamente as decisões tomadas. Por fim, trataremos dos resultados. Nesse momento, os materiais obtidos são trabalhados para ser tornarem válidos.

Reconhecendo as potencialidades de contribuição para os campos da História, Comunicação e Educação, nos debruçamos sobre as edições do Correio do S. Francisco, em busca de analisar as principais representações sobre os aspectos educacionais voltados para a modernização da sociedade juazeirense, presente na produção jornalística do periódico. Nas próximas páginas, iremos discutir o papel dos jornais na propagação dos ideais educacionais presentes na Primeira República, assim como o trajeto metodológico percorrido para obter alguns dados preliminares que servem como discussão nesta pesquisa.

A EDUCAÇÃO MODERNIZADORA NAS PÁGINAS DO JORNAL

O Correio do S. Francisco foi fundado em 1900, por Jesuíno Ignácio da Silva. O jornal semanal, foi o marco da consolidação da imprensa na cidade de Juazeiro que, até então, só tinha contado com jornais de duração efêmera. Em suas páginas, o periódico trazia pautas que relatavam os acontecimentos pertinentes à sociedade juazeirense do início do século XX, trazendo aspectos da cultura, educação e identidade, evidenciando os processos de modernização da cidade e do norte baiano. Assim, questões como o reordenamento do espaço físico, desenvolvimento de técnicas e tecnologias que ajudavam no trabalho laboral e a difusão de códigos morais eram discutidas nas folhas do jornal.

Ao falar sobre a escrita da História por meio dos impressos, Regina de Luca (2020) aconselha a realizarmos, primeiramente, uma análise circunstancial acerca do contexto e lugar de inserção dos periódicos. Os últimos anos do século XX foram marcados por um amplo processo de transformações na esfera pública e privada, visando um ideal modernizador para todo o país (NEVES, 2003; SANTOS, 2016). Para alguns pesquisadores, como o sociólogo Anthony Giddens (1991), a ascensão dessa modernidade origina uma ruptura com os valores tradicionais da antiga ordem social, uma vez que as modificações são mais profundas que as transformações dos períodos precedentes, carregando, assim, uma intencionalidade que altera as características mais íntimas e pessoais da existência cotidiana.

Mello (2008) reconhece a Proclamação da República como o primeiro episódio da modernização, vindo a ser um marco para a fomentação de mudanças na urbe e na sociedade brasileira, calcadas em um ideal de razão e ciência. Porcel (2007), por sua vez, descreve que, até então, as cidades brasileiras não acompanhavam o progresso sinalizado que a economia cafeeira trazia consigo, padecendo de ruas estreitas, com condições sanitárias problemáticas e sistema de iluminação deficiente. Era necessário, então, obras de melhoramento e embelezamento que moldasse o Rio de Janeiro como a “vitrine do novo regime”.

Para além das questões urbanísticas, houve a ascensão de novos valores, instituições, códigos morais que eram associadas a uma ideia de progresso e civilização:

A modernização, cada vez mais, se fazia presente no imaginário da população e, com a mesma, encontrava-se acoplada a importação de novas ideias. Concepções essas que faziam parte da história europeia – dentre elas, a ideia de progresso – e vinham se constituindo no cenário brasileiro devido à nova condição do país no contexto internacional (MARTINS, 2006, p. 48-49).

No Rio de Janeiro, nos primeiros anos do século XX, foram publicados decretos para modificar e introduzir novos hábitos para a população: “para que a capital fosse completamente ‘moderna’, seus habitantes deveriam ser ‘civilizados’”, pontua Porcel (2017, p. 22). Em paralelo a isso, Martins (2006) afirma que as instituições educativas passam a ser vistas como mecanismos responsáveis pelo desenvolvimento da nação, uma vez que a ciência passa a ocupar o centro da civilização. Conseqüentemente, era necessário buscar alterar as bases do sistema vigente, buscando a retomada dos princípios liberais e cientificistas. “Sob essa perspectiva, o período republicano foi marcado em seus primeiros anos, pelo denominado entusiasmo pela educação cujo ideal era expandir a rede escolar no país e alfabetizar o povo” (MARTINS, 2006, p.56).

De acordo com Gondra (1997), o projeto republicano para a educação ganhou um lugar para articulação e execução em 1890, através do decreto que instituía a criação da Secretaria de Estado dos Negócios da Instrução Pública, Correios e Telegraphos, no qual foram desenvolvidas mudanças no ensino primário e superior, em todo o território nacional, assim como na criação do museu pedagógico brasileiro, o Pedagogium, que se inspiravam nos museus de países como a Inglaterra, Canadá, Estados Unidos, França.

No entanto, a expansão de valores educativos não se limitou aos ambientes escolares ou aos museus pedagógicos. Em meio a isso, a imprensa se consolidou em diversas cidades, como uma instituição que tinha um caráter intrinsecamente educativo, uma vez que divulgava e discutia os novos ideais de “civilização” e “progresso”. De acordo com Campos (2012), durante o século XX, os jornais desempenharam um papel essencial na estratégia educativa, especialmente, na divulgação de conhecimentos científicos, produzidos por especialistas e condutas morais tidas como desejáveis naquele momento.

Assim, para além de exercício da leitura,

A imprensa passou a traduzir as novas idéias e hábitos gerados pelas transformações vivenciadas pela população, tornando-se o espaço privilegiado para a discussão dos problemas e rumos da sociedade. Reforçando essa condição, a imprensa do início do século XX era um dos principais canais de informação e de transmissão de valores (SOUZA, 2009, p. 12 apud BUCHOLDZ, 2007).

O primeiro impresso foi criado pelo *Pedagogium*. A Revista Pedagógica, que começou a circular em 15 de novembro de 1890, um ano após a Proclamação da República, com o intuito de difundir o discurso republicano para os leitores, especialmente, os professores da rede pública e privada, de forma gratuita. Gondra (1997) afirma que a Revista Pedagógica tinha um compromisso com a instauração de determinados padrões de escola e de ensino, por meio de suas páginas, era possível “ler” as escolas e a própria pedagogia. Os fascículos dessa revista também partilhavam de experiências de outros países que valorizavam o estabelecimento de uma instituição de ensino moderno, chegando, inclusive, a ter seus números circulando no exterior, visando elevar o Brasil ao nível dos outros países que tinham ideais modernizadores estabelecidos.

Para além da chamada “Imprensa Pedagógica”, também teve ascensão outros impressos, que mesmo não tendo o intuito exclusivamente pedagógico, desenvolveram um papel essencial na divulgação das estratégias sociais, científicas e educativas, fomentando diversos valores e códigos morais, compreendendo processos educativos mais amplos e estabelecidos em locais diversos, como a casa, a igreja, a praça. Campos (2012) defende que, mesmo não tendo o intuito exclusivamente pedagógico, é importante observar as relevâncias desses periódicos para a história da educação, através de um olhar que vislumbre para além do conceito de educação escolar, utilizando perspectivas educativas que estejam atreladas à ideia de cultura, tratando “de uma concepção de educação na qual se vislumbra o ‘processo educativo pelo qual a humanidade elabora a si mesma, em todos os seus vários aspectos, tendo o jornal como veículo mediador por excelência” (CAMPOS, 2012, p. 61).

É preciso refletir que, apesar dos processos de modernização terem ganhado maior destaque nas capitais brasileiras, em especial, no Rio de Janeiro, Santos (2016, p. 40) defende que esses ideais também foram assimilados no interior do Brasil, como na cidade de Juazeiro, em menor escala. E, assim como nas grandes cidades, a imprensa também foi instrumento para propagação desses processos. Por isso, o ensejo de analisar o Correio do S. Francisco e observar as representações de educação contidas nesse periódico.

ASPECTOS EDUCATIVOS NAS PÁGINAS DO CORREIO DO S. FRANCISCO

A análise da representação da educação nas páginas do Correio do São Francisco ainda está em andamento. Nesse primeiro momento, estão sendo realizada a delimitação

do *corpus* para compor nossa pesquisa, por meio da leitura flutuante, indicada por Bardin (1977) na pré-análise. Ao todo, encontramos 76 edições correspondentes aos anos de 1903, 1904 e 1908, que estão sendo mapeadas e, posteriormente, selecionadas, de acordo com as regras de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência em relação as representações de aspectos educacionais. Durante esse processo de consulta as páginas do periódico, algumas temáticas voltadas para o campo da educação se sobressaíram e chamaram nossa atenção para delinear suas características.

Antes de tudo, é válido ressaltarmos que o Correio do S. Francisco não era um jornal com intuito pedagógico, como a já citada Revista Pedagógica, no entanto, era comum ao folhear as suas páginas nos depararmos com textos jornalísticos com um caráter educativo. Considerando isso, realizamos as primeiras leituras para nos familiarizar com as edições. Para tessitura deste artigo, analisamos os últimos meses de 1903, além dos meses iniciais de 1904.

Conseguimos identificar artigos jornalísticos que tratavam a educação em duas vertentes: a educação formal, a exemplo de notícias voltadas para a instituição e grupos escolares; e a educação em espaços não formais, partindo de textos com uma característica didática, como a divulgação de tecnologias e técnicas baseadas na ciência ou até mesmo a propagação de certos valores, códigos morais e éticos que estão de acordo com ideal de progresso difundido nacionalmente. Para discutir essas perspectivas, analisamos a sexta edição, do terceiro ano do Correio do S. Francisco, que corresponde a data de 22 de dezembro de 1903.

Escolhemos essa edição, especialmente, por abordar em suas páginas os aspectos educativos citados acima. Na primeira página, nos deparamos com o texto “Syndicato pastoril”, que relata a conferência organizada por Plínio Magalhães, nas dependências do Clube Comercial. No encontro, pessoas da esfera pública juazeirense discutiam sobre a indústria pastoril na região, em que Plínio Magalhães socializou os estudos que realizou sobre as raças de gado.

Foi esse o assumpto da segunda conferência que, no salão nobre do Club Commercial, no domingo último, fez o ilustrado dr. Plínio de Magalhães que ainda d’essa vez foi ouvido por numeroso e selecto auditorio.

[...]

Tendo talvez de ser enfadonho na demonstração de algumas theses, disse confiar, entretanto, na benevolência de todos e passou a estudar o estado actual da criação entre nós, mostrando os factores de sua crise e

fazendo sentir o seu aniquillamento pela competencia estrangeira e do sul do Paiz e constante interferencia de mãos invernos desde que não buscassemos valer-nos dos recursos indicados pela sciencia e pela razão pratica para substituirmos velhos processos da rotina (CORREIO DO S. FRANCISCO, 22 dez. 1904, p. 1).

Essa notícia evidencia alguns fatores sobre a sociedade juazeirense da época. O primeiro deles, seria os vestígios da rotina de atividades e debates que eram realizadas no Clube Comercial, além dos personagens que estavam a frente ou conduziam esses diálogos. A instituição serviria, assim, como um espaço no qual a sociedade juazeirense se reuniria para debater questões, visando meios para o melhoramento das condições referente a esfera pública da cidade. Também podemos observar as movimentações para fortalecer o surgimento de uma associação sob a base de um sindicato, no qual os criadores poderiam reunir suas forças em busca de benefícios comuns.

O segundo fator que nos chama a atenção, certamente se refere a discussão voltada para as possibilidades de adaptações à natureza semiárida. Em um segundo momento da notícia, é relatado que Plínio Magalhães estudou os “fatores da seca” e o modo de combate-la. Para Magalhães, era preciso que os criadores e lavradores estabelecessem depósitos de água que fossem duradores e que tivessem capacidade para o plantio dos vegetais, além de aconselhar a plantação de determinadas culturas, como o mandacaru, xique-xique, macambira, que são plantas nativas da Caatinga. Apesar de se referir as possibilidades de combater as condições provocadas pela estiagem, é possível identificar uma certa semelhança de discursos que se tornariam mais populares na década de 1980, quando vai emergir o conceito da “Convivência com o Semiárido”, no qual entidades, especialmente não governamentais, irão desenvolver incentivar práticas como o armazenamento da água para os períodos de estiagem, assim como o cultivo de plantas que fazem parte do bioma Caatinga (CARVALHO, 2011)

Por último e, talvez, o mais interessante para a nossa discussão, seria a valorização do conhecimento científico para elucidar os problemas pertinentes a esfera pública da cidade. Ao defender que o melhoramento da indústria pastoril se daria através de métodos que eram justificados através de estudos, calcados na razão e ciência, Plínio Magalhães demonstrou como alguns reflexos da modernidade estavam sendo assimilados na cidade de Juazeiro, mesmo que em menores proporções se comparado a capital do país. Dessa forma, quando Magalhães partilha com a população que há condições de criar uma raça

de gado que se adaptam as condições climáticas de Juazeiro, assim como aconselha a plantação de culturas próprias da região, ele se baseia em pesquisas e evidências científicas.

Continuando a análise das notícias contidas nessa edição do Correio do S. Francisco, ao chegar na segunda página, nos deparamos com a partilha do Código de Posturas do Município de Remanso, sancionado pelo intendente municipal, Tenente-Coronel Francisco de Souza Lopes, em 27 de novembro de 1903:

Faço saber a todos os habitantes deste Município, que o Concelho Municipal resolveu e eu sanciono sob n. 14 a resolução seguinte: O Concelho Municipal da Cidade do Remanso, Estado da Bahia, resolveu examinar as posturas municipais já existentes, emendal-as convenientemente a crear outras ahem do interesse público e são as que seguem (CORREIO DO S. FRANCISCO, 22 de dez. 1903, p. 2)

Ao todo, o código de postura formula onze capítulos voltados para a população, são eles: 1) da iluminação, limpeza das casas, ruas, praças e portos públicos; 2) do cemitério, pântanos, estagnação da água, aceio do curral, matadouro público, açougue e imundices; 3) das ruínas, escavações e precipícios. Animaes caninos e carreiras; 4) da tranquillidade, segurança, hygiene e commodidade dos habitantes; 5) da edificação, reedificação e plantio de árvores; 6) da criação, lavoura, do gado suíno e laginero; 7) do commercio em geral; 8) dos vozerios. Injúrias e obscenidades; 9) dos espetáculos quaisquer diversões públicas; 10) da política em geral e 11) disposições diversas.

Os artigos e parágrafos contidos nesse código de postura serviam para orientar a população sobre a adoção de hábitos que, em muitas vezes, estavam ligados ao ordenamento da cidade. Podemos ver a presença dessa questão no Art. 3, do primeiro capítulo, que proibia os habitantes da cidade deixarem lixo em frente de suas casas, assim como animais amarrados, nas ruas e praças. Também está presente no Art. 31, do Capítulo 5, no qual também é proibido a edificação de casa, jardins, muros ou calçadas sem a licença do Intendente. Essas condutas atestam, de certa forma, um processo de remodelação de se viver na cidade, no qual as pessoas passam a seguir regras que atendem um sentido de organização do espaço público.

Também encontramos presentes no documento, artigos que eram centrados em repudiar certas condutas que não era concebidas como ideais para serem exercidas, como o art. 24, que advertia que as pessoas que se encontrassem em situação de embriaguez,

provocando a desordem pública, seria detido em custódia. Nesse período, também ficou proibido, no perímetro urbano e “suburbano”, a promoção de sambas, cantorias e laudes que poderiam suscitar escândalos ou incomodar o sossego público. Todas essas normas estavam suscetíveis a pagar uma multa e, em caso da pessoa não conseguir arcar com as despesas, era penalizado a passar alguns dias na prisão.

É interessante observarmos que esses processos ocorreram em Remanso, localizado ao norte da Província da Bahia, contudo as normas “sugerias” muito se assemelham com as reformas que aconteciam na capital federal, Rio de Janeiro, que fica a quase 2.000km do município baiano. Como citado anteriormente neste artigo, em 1903, a capital federal passava por uma série de decretos que modificavam os hábitos e vivências da população. Ao falar sobre essas questões, Carvalho (1987 *apud* PORCEL, 2007) comenta que as reformas efetuadas pelo engenheiro e prefeito do Distrito Federal, Pereira Passos, visavam deixar de lado a imagem de cidade “suja, pobre e caótica” tornando-a uma réplica parisiense tropical. Esse autor ainda comenta que esse conjunto de medidas vão interferir diretamente nos costumes e cotidiano dos cariocas, em especial, a parcela da população mais fragilizada.

Em ambos os casos, tanto a notícia sobre o sindicato pastoril, como a divulgação do Código de Posturas do Município de Remanso, evidencia algumas reflexões que Santos (2016, p. 40) realizou sobre os processos de modernização da sociedade juazeirense e seu entorno:

A cidade de Juazeiro sofreu os reflexos dessas mudanças no modo de representação do espaço e na forma de percepção dos sujeitos sobre sua cotidianidade. Em menor escala comparada aos centros urbanos, foram transformações no modo de existência e de se constituir como sujeitos capazes de transformar a si e o seu mundo ao redor. A imprensa foi instrumento de promoção e divulgação desses processos, que foram remodelando a existência da vida na comunidade.

Ainda na segunda página, também conseguimos identificar uma notícia sobre um estabelecimento de ensino da cidade. Corriqueiramente, as instituições educativas estavam presentes nas edições do Correio do S. Francisco, seja através de pequenas notas, que propagavam o início e o fim das férias ou até mesmo em anúncios dos exames finais, como no caso desta notícia:

A 13 do fluente, ante selecto concurso de pessoas gradas, tiveram lugar os exames de portuguez do Instituto de Humanidades, a cargo desta benemertia associação. A commissão examinadora, composta dos drs.

Joaquim Wanderley, José Candido de Freitas e Manuel Xavier P. Barreto, proclamou o resultado seguinte: Manoel Francisco de Souza Filho e Francisco Febrônio de Souza, aprovados com distinção e louvor, José Domingos dos Santos Filho, aprovado plenamente (CORREIO DO S. FRANCISCO, 22 dez. 1904, p. 2)

A associação que a notícia se refere era o Grêmio Polimático Manoel Xavier Paes Barreto, que tinha sido inaugurado meses antes, em 24 de agosto de 1903, na cidade de Petrolina-PE. O Grêmio volta a ser mencionado inúmeras vezes nas futuras edições, que irão acompanhar eventos e atividades ligadas a instituição, além de suas contribuições para a esfera pública das cidades de Petrolina-PE e Juazeiro-BA. Mesmo que de forma sutil, é interessante notarmos que essa e outras instituições educativas terão grande impacto nessas duas cidades, especialmente na primeira.

De acordo com Rodrigues (2009), o poder local petrolinense manifestava grande interesse por iniciativas voltadas para a educação. Assim, foram criados cursos de formações para professores e instituições educativas, como as escolas primárias e ginásios. Esse último ganha um importante marco pois, até então, os jovens que desejavam entrar no ginásio precisavam se deslocar para as capitais das províncias, como Salvador-BA e Recife-PE. Para esse autor, esses investimentos no campo educacional teriam sido peças fundamentais para fomentar uma certa independência social e econômica de Petrolina em relação a Juazeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ler as edições do Correio do S. Francisco, nos deparamos com fragmentos de expressões particulares sobre os acontecimentos do cotidiano das ações de homens e mulheres, no início do século XX. Assim, através de sua produção jornalística, é possível analisar e reinterpretar as representações da sociedade juazeirense, em especial, os aspectos educacionais que são o principal foco deste estudo.

Apesar de não ter o intuito pedagógico, o jornal trazia constantemente pautas que eram voltadas para a educação da cidade, seja em seu aspecto formal, relacionada diretamente as instituições de ensino, ou em espaços não-formais - como a praça, o clube - fomentando ideais educativos que estavam atrelados a cultura. Acreditamos que esses aspectos estão atrelados ao momento ímpar pelo qual a sociedade brasileira estava

passando, norteados por um ideal de modernização que se baseava em uma ideia de progresso e ascensão da ciência e da razão.

Ao analisar a edição de 22 de dezembro de 1903, nos deparamos com o fomento e os investimentos em instituições educacionais, como no caso do Grêmio Polimático Manoel Xavier Paes Barreto, que irá tecer influências e ganhar prestígio dos habitantes de Petrolina e Juazeiro, por meio de suas ações e práticas educativas. Também notamos as discussões que abrangiam aos habitantes de Juazeiro, como no caso da reunião promovida por Plínio Magalhães, que tecia em seu discurso um direcionamento, baseado na pesquisa científica, para justificar a adoção de determinadas medidas ou até mesmo as mudanças estruturais ocorridas na cidade de Remanso, que fomentavam um código de posturas que partilhava os hábitos, valores e morais desejáveis para a cidade que, se não cumpridos, sofreriam penalidade.

Apesar de sua distância geográfica dos grandes centros urbanos, é possível observarmos como a sociedade juazeirense estava passando por transformações que a muito se assemelhavam com as do Rio de Janeiro, evidentemente, em uma escala menor. Seja através da reorganização do espaço público, a instituição de novos códigos de postura ou a ampliação das discussões com base em pesquisas científicas, é preciso reconhecer esse norte multifacetado de uma educação que apontam um rompimento com os valores tradicionais, apontando um ideal de modernidade.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CAMPOS, Raquel Discini de. No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. In: **Revista Brasileira da História da Educação**, Campinas, SP, v. 12, n. 1 (28), jan./abr. 2012.

CARVALHO, Luzineide Dourado. A contribuição da educação contextualizada para a relação natureza, cultura e território no Semiárido Brasileiro. In: REIS, Edmerson dos Santos; CARVALHO, Luzineide Dourado (Orgs). **Educação Contextualizada: Fundamentos e práticas**. UNEB – Campus III, Juazeiro, BA: 2011.

CELLARD, André. A análise documental. In: **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CORREIO DO S. FRANCISCO. Juazeiro, BA, ano 3, n. 6, 22 dez. 1903.

DUVEEN, Gerard. Introdução: o poder das ideias. In: MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. Disponível em:

https://www.academia.edu/25698906/MOSCOVICI_S_Representa%C3%A7%C3%B5es_Sociais. Acesso em: 04 jun. 2021.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONDRA, José Gonçalves. O veículo de Circulação da Pedagogia Oficial da República: a Revista Pedagógica. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 78, n. 188/189/190, p. 374-395, jan./dez. 1997.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. 420p.

MARTINS, Cristiane Nascimento. **A educação como irradiação do progresso: genealogias e sua expressão na primeira república**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação), Uberlândia-MG, UFU, 2006.

NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da república. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves e FERREIRA, Jorge Luís (Orgs.). **Brasil Republicano: Estado, sociedade civil e cultura política. O tempo do liberalismo excluyente. Da Proclamação da República à Revolução de 1930**. 1a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003, v. 4. P. 14 a 44.

PORCEL, Najar Roberto. **República e educação: as imagens arquitetônicas e jornalísticas do Grupo Escolar Barão de Monte Santos (Mococa-SP)**. Dissertação (Mestrado) Universidade estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2007

REGINA DE LUCA, Tânia. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 3. Ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

RODRIGUES, José Roberto Gomes. **Formas de escolarização secundária e sócio-gênese de uma instituição escolar: o Ginásio Ruy Barbosa em Juazeiro, BA (1953-1963)**. 2009. 344p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2009.

SANTOS, Andréa. Travessias **Comunicacionais de um Tipógrafo-Jornalista: José Diamantino de Assis e as Tessituras do Moderno**. Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura), Rio de Janeiro, UFRJ, 2016.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza; ALMEIDA. A Teoria das Representações Sociais. In: SANTOS, Maria de Fátima de Souza; ALMEIDA; Leda Maria de. **Diálogos com a Teoria das Representações Sociais**. Recife, PE: Ed. Universitária da UFPE, 2005.

SOUZA, Eliezer Felix de. A Imprensa como Fontes para Pesquisa em História e Educação. In: VIII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”, 8, 2009, Campinas, SP. **Anais do VIII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas**. Campinas, SP: FE/UNICAMP: HISTEDBR, 2009.